

A Literatura Italiana do século XX

Este número de *Fragments* é dedicado à Literatura Italiana do século XX. Uma produção bastante significativa dentro do panorama literário e cultural mundial. Os nomes de Leonardo Sciascia, Gabriele D'Annunzio, Alberto Moravia e Italo Calvino são só alguns que ajudam a delinear a imbricada tessitura que compõe esta rica e viva literatura.

Otto Maria Carpeaux em "Letras Italianas" observa que a literatura italiana, mesmo sendo uma das maiores da Europa, é pouco divulgada no exterior. Isso estaria ligado principalmente a motivos relacionados, de um lado, à hegemonia literária francesa e alemã, e de outro, certamente, à falta de traduções de importantes textos da literatura italiana, que é vastíssima. Entretanto, nos últimos anos, no Brasil, assistimos a uma maior divulgação de textos literários italianos a partir do incremento das traduções de grandes autores e obras (só nos últimos dois meses - maio e junho de 2009, foram lançados livros de Cesare Pavese, Primo Levi, Italo Calvino). Essa espécie de revitalização, que vem se intensificando desde os anos 90 do século "breve", recuperando a definição de Hobsbawm, é facilmente observável no catálogo das principais editoras do país. Contudo, apesar desse incremento, a literatura italiana continua pouco conhecida e ainda pouco estudada entre nós; ou, quando há estudos, esses são setorizados. Por isso, este número temático pretende abordar e resgatar autores e obras da literatura italiana, através da reflexão de docentes e estudiosos do Brasil e da Itália.

É um século com tantos acontecimentos - as duas guerras mundiais, o regime totalitário de Mussolini, o plebiscito para a escolha da República, em 1946, e tantos outros -, que, qualquer que seja o recorte literário, abarcará grandes autores da narrativa, ensaística e não, e da poesia. Assim, neste volume monográfico, apresentam-se discussões acerca da obra de poetas, narradores e ensaístas, mais e menos conhecidos, quer em sua vertente estilística quer a partir de uma análise comparada ou teórica.

O presente volume, portanto, reflete a diversidade temática e formal da produção literária e intelectual italiana. O que se tem é um quadro formado por várias faces e fases que são analisadas aqui, em português e em italiano, a partir de um variado e múltiplo leque de perspectivas.

Abre este número temático Antonio di Grado, da Università di Catania, com o artigo "Memoria e utopia: la vocazione europea della letteratura siciliana", que aborda um século da literatura de autores

sicilianos, de Sciascia a escritores mais recentes, passando por Brancati, Vittorini, Verga. Di Grado demonstra, assim, a homogeneidade e a continuidade entre eles, fundada em uma análoga visão crítica da história, sob uma 'diversidade' intelectual e antropológica fortemente defendida, com uma comum abertura ao mundo.

Após os sicilianos, Angelo Favero, da Università di Roma "Tor Vergata", apresenta uma releitura da tragédia *Fedra*, de Gabriele D'Annunzio, por meio de três elementos: 1. *Fedra* apresenta-se em um momento significativo da experiência biográfica, sentimental e de escrita de D'Annunzio, e se relaciona com as outras do autor; 2. a composição e a encenação da tragédia, a única que o poeta escreve integralmente em versos decassílabos livres, insere-se no panorama teatral europeu e italiano; 3. a obra demonstra-se como um exemplo completo e concreto, nas formulações estéticas e de práxis teatral que D'Annunzio vai elaborando naqueles anos, e que não se encontram bem explicadas em algumas intervenções críticas e jornalísticas.

Giuseppe Alonzo, com "As Idéias não vendidas duma humanidade leiloadá", apresenta uma leitura do poema *Bando* de Sergio Corazzini, "o adolescente desesperado, morto aos vinte anos", como o define Carpeaux. Segundo Alonzo, ao contrário de algumas críticas, *Bando* inscreve-se perfeitamente na produção poética de Sergio Corazzini (1886-1907), e representa um ideal coroamento dela, levando em consideração a sua presença na conclusão do *Libro per la sera della domenica* - última coletânea de poemas publicada pelo autor em vida. A partir da propensão para a animalidade e o abandono de si, Alonzo propõe ainda um diálogo com as direções crepusculares do modernismo brasileiro, expressas em modo particular por Manuel Bandeira.

Dando continuidade a esse número que tem como fio condutor, como o leitor pode perceber, a ordem cronológica de autores e obras, em "O olhar florentino de Ardengo Soffici sobre o Futurismo", Rafael Z. Copetti propõe a compreensão do Futurismo literário a partir da interpretação dos pontos-de-vista dissonantes que compuseram o frenético mosaico futurista. É iniciando uma análise com as contribuições de Ardengo Soffici para o assunto que Copetti traz uma reflexão sobre a vanguarda italiana que neste ano comemorou os seus 100 anos.

Patricia Peterle, em "A Sicília metaforizada de Elio Vittorini", analisa a questão da viagem em *Conversazione in Sicilia* (1941) através de dois eixos: o primeiro uma viagem física do deslocamento do protagonista Silvestro Ferrauto, de Milão até uma aldeia siciliana, e o segundo, em chave simbólica, é marcado pelo olhar crítico do autor em relação à sociedade italiana. O retorno de Silvestro à aldeia natal transforma-se

numa aventura onde passado e presente, numa espécie de palingenese, se entrelaçam na narrativa que trata metaforicamente de temas universais como a opressão, a miséria e a consciência da dor. É com uma prosa poética, diferentemente das tradicionais formas de narrativa socialmente empenhada, que Elio Vittorini proporciona uma *conversa* caracterizada pela reflexão sobre a realidade social e histórica na qual ele está inscrito: os anos do fascismo. Peterle aponta nesse texto para o fato de Vittorini se apresentar como um produtor de significados e, ainda, como um construtor de parábolas e histórias paralelas, alternativas àquelas relatadas e apresentadas como legítimas pelo Estado fascista.

Já Andrea Santurbano, em “Do teatro ao romance: os Papas *desterados* de Ignazio Silone e Guido Morselli”, reflete sobre a aparente continuidade temática presente em duas obras literárias escritas no final da década de 60. Trata-se da peça teatral *L'avventura di un povero cristiano*, de Ignazio Silone, e do romance *Roma senza papa*, de Guido Morselli. Em ambas as obras, uma de cunho histórico, outra prevalentemente ficcional, é abordado um assunto particular: Papas que se mudam da canônica sede romana do Vaticano. No entanto, a combinação de elementos documentais e criativos, tanto na escrita dramática quanto na narrativa, refletem posicionamentos artísticos e ideológicos dos autores, orientados a uma crítica do aparato doutrinário e secular da Igreja.

Valendo-se da função e dos mitos clássicos, Chiara Lombardi, discute e analisa alguns escritos de Alberto Moravia, considerado por Carpeaux “o único verdadeiro romancista da Itália moderna”. Em “Alberto Moravia e l'immaginario classico”, segundo a autora, a presença do imaginário clássico não serve apenas para embelezar ou para servir de auto-referência literária à obra do escritor romano, mas acompanha a reflexão do próprio Moravia de *Os indiferentes* sobre a literatura e a sociedade desenvolvida em toda a sua obra.

Outros dois artigos tratam de um dos mais importantes autores do século XX e também um dos mais traduzidos no Brasil: Italo Calvino. O primeiro, de Vanina Carrara Sigris, “O fabulismo crítico de Italo Calvino em seu projeto inicial de narrativa moderna” apresenta reflexões sobre a aproximação entre a obra ficcional de Calvino e a fábula. Assim, três significações de fábula são discutidas: as relacionadas à validação de um estilo literário, às necessidades do protagonista em um mundo em guerra e às preocupações com o papel moral do escritor na modernidade. O segundo artigo, “A carta-ensaio de Italo Calvino: confluências entre os gêneros epistolar e ensaístico”, de Andréia Guerini e Tânia Mara Moysés discute algumas contribuições do escritor para o campo da teoria literária, representadas por suas aproximações en-

tre os gêneros epistolar e ensaístico que se fundem nas “cartas-ensaio” presentes em seu epistolário, *Lettere 1945-1985* e *I libri degli altri: Lettere 1947-1981*.

Em “A conquista da Itália e a presença do outro. A literatura da migração no cenário italiano contemporâneo”, Vera Horn trata da literatura migrante, que segundo ela articula-se em tempos diversos conforme a evolução do fenômeno, e que foi caracterizada inicialmente pela ajuda de um colaborador italiano e que hoje é um fenômeno em contínuo crescimento.

Para encerrar o volume, as últimas páginas dessa *Fragments* oferecem ao leitor uma síntese bibliográfica para consulta, sem ser obviamente exaustiva, sobre a literatura italiana do século XX. Por fim, este número monográfico poderá ser uma referência para todos aqueles que, de alguma forma, trabalhem ou tenham curiosidade pela literatura italiana, poderá ser útil aos pesquisadores e estudiosos de literatura italiana no Brasil e no exterior, e, ainda, acena para uma nova geração da italianística dentro e fora da Itália.

Andréia Guerini
UFSC

Patricia Peterle
UFSC

Maurizio Babini
Unesp/SJRP